

TALVEZ UM DIA TE SURPREENDA COM UM BEIJO

Tínhamos os olhos cheios de arrebatamento e o coração inundado de ternura. Falávamos horas a fio e as mãos entrelaçavam-se como se o tempo ficasse suspenso na eternidade dos dias. As descobertas sucediam-se num ritmo vertiginoso e transparente, e transcendiam todas as fronteiras da individualidade.

Decidimos casar e foi um dia bonito. As pessoas celebravam a vida. Família, amigos, música, comida, vinho. Uma embriaguez de afectos e de alegria, uma esperança de regeneração, um começo, uma promessa de felicidade. Era o que pensávamos. Era a nossa crença mais forte, presa ao corpo e à cabeça (sim, à cabeça, pois essas coisas do espírito sempre foram demasiado obscuras para nós. Convictamente laicos. Até o conservador se sentiu na obrigação de nos dar uns santos para nos abençoar. Lembras-te?)

Nasceu o Miguel. Estive ao teu lado o tempo todo. Vi-o abrir os olhos e observar o mundo (mundo que, naquele momento, éramos nós, os médicos e as enfermeiras. O mundo vai ser o que tu quiseres, Miguel. Tu vais ser o que quiseres, Miguel.). Olhei para aquele corpo, peguei nele e senti o seu cheiro de bebé. As lágrimas correram, pois não tinha como as conter. Era meu. Era nosso. Um ser pequenino, vibrante de energia, mas tão em paz. Sôfrego por mamar, chorão quando não estava satisfeito. Enfim, talvez uma consciência precoce do inconformismo. É mesmo como nós.

À noite, quando ele estava a dormir e sem que te apercebeesses, ia vê-lo. Pegava-lhe na mão, apertava devagarinho para sentir o seu calor. Depois escutava a sua respiração. Está tudo bem. Estás a respirar. Está tudo bem. Ele estava bem, mas tu andavas cansada e temperamental. Já tinha lido nos livros, a que tu dizias que eu não ligava nenhuma, que era assim. Estavas exausta e eu percebia.

O Miguel foi crescendo. Foi para a escola e tu começaste a trabalhar. Quase não falávamos. Tínhamos de planear tudo. As saídas de casa eram uma operação de logística. Está tudo? Leite, biberão, papa, água, fraldas, muda de roupa, peluche? Pronto, já podemos ir para o carro. Lá vamos nós ter com a família ou com amigos que também têm filhos. Já sei do que vamos falar com as pessoas. Leite, biberão, papa, água, fraldas, muda de roupa, peluche? Pediatras, escolas, cansaço? (Lembras-te quando íamos ao cinema ou jantar? Éramos capazes

de beber uma garrafa de vinho e percorrer uma infinidade de temas humanos: os trágicos; os divertidos; os profundos; os genuinamente estúpidos. Olha, os da vida propriamente dita).

Trabalhávamos muito fora de casa e em casa. Contas para pagar, compras de supermercado para fazer, casa para arrumar. Quase autómatos ou mesmo autómatos. Trabalhar, comer, dormir. Fazer amor era raro (Lembras-te daquela vertigem de sentidos do namoro? Eu lembro-me e sei que também te lembrás). Mas a vida é assim, o detestável lugar comum da rotina. A exceção a esta tortura, eram as brincadeiras com o Miguel. Como cresceu este miúdo! Cheio de energia, a correr de um lado para o outro. A fazer birras porque não quer a sopa. A querer ver o Ruca, quando eu quero ver as notícias. Difícil esta exigência, mas quando ele diz papá ou me dá um desenho para eu levar para o escritório, o meu sorriso abre-se e esqueço tudo.

Contigo, é diferente. É-me difícil esquecer. Discutimos por coisas mesmo estúpidas, as detestáveis rotinas, a insuportável logística do viver a dois. Não suportas o meu silêncio, a minha ausência. Pensas que desisti. Não desisti, meu amor. Entendo-te e entendo-me. Estás cansada e eu também. Um do outro ou desta vida? Não sei. Temos o Miguel.

Ultimamente noto que já nem usas a voz para me agredir. Desistência? Nem me atrevo a perguntar. A verdade é que não sei se tenho mais medo deste império de silêncio ou de ouvir que me queres fora desta casa (A casa. Lembras-te? A maneira como fomos erguendo esta casa. Móveis, objectos, quadros, recordações de viagens. A casa, assumidamente metáfora do nosso projecto, do nosso desejo), da tua vida.

Sinto-me vazio. Procuo ficar em casa sossegado. Já me conheces. Às vezes, preciso de solidão para pensar (Lembras-te como me esquivava às festas familiares ou a eventos com grandes multidões? Costumavas brincar com essa misantropia. Até a aceitavas. Hoje, irrita-te.). O Miguel não se ressent, pois ao fim e ao cabo somos pessoas civilizadas (Que coisa horrível de se dizer! Estou-me manifestamente nas tintas para a civilização, para a boa educação, para esta morte lenta. Queria era que me amasses? Amas? Não sabes? Eu também não. Isto do amor...).

Já sei. Vou surpreender-te com um fim-de-semana (parece-me vulgar, mas nos livros escritos por terapeutas de casal diz que ajuda. O casal precisa de tempo para si, para comunicar, para partilhar... Não sei. Nunca gostei destas receitas.). Recusas? Está bem, se calhar não é mesmo boa ideia. O trabalho, o dinheiro, deixar o Miguel, etc.

Outra tentativa. O Amor nos Tempos de Cólera do Gabriel García Márquez? Estás demasiado cansada para ler. O dvd do Fala com Ela do Almodóvar? Adormeces no sofá. E que tal um vinho e umas músicas para criar ambiente? Chico Buarque, Patxi Andión, Brel, Leonard

Cohen. Talvez o Chico Buarque? Achas trágico. (Noutros tempos, achavas que ele era o poeta dos poetas. Eu ainda acho, mas não fico zangado contigo. Zangado? Eu nem me consigo sentir, tal a dormência do desespero!) As Ballads do John Coltrane Quartet? Aceitas. Nem imaginas como fico feliz (Parece que estou a falar com um colega. Que formalismo imbecil!). Mas é um começo. A vida é sempre um começo. Sabes o que queria deste começo, deste recomeço, desta vida? Não sabes? Não interessa. Fico mais uma vez a pensar. Talvez isto passe, talvez se regenere, talvez eu não morra entretanto, talvez, talvez, talvez... Olha, talvez um dia te surpreenda com um beijo. Queres maior declaração de amor do que esta?

PEDRO FRAZÃO